

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte REPÚBLICA

Class.: 330

Data 08/11/79

Pg.: \_\_\_\_\_

## Na Funai, uma nova preocupação

Empossado o coronel Nobre da Veiga

LUIZ AUGUSTO GOLLO, de Brasília

Os 135 mil índios cadastrados pelo Ministério do Interior têm, desde ontem, um forte motivo de apreensão: tomou posse na presidência da Funai o coronel João Carlos Nobre da Veiga, em breve cerimônia à qual compareceram vários parlamentares e o governador de Sergipe, além do demissionário Adhemar Ribeiro da Silva e o ministro Mário Andreazza. O novo presidente da Funai ocupava, até receber o convite do ministro, a Diretoria de Segurança e Informação da Rio Doce Geologia e Mineração (Docegeo), subsidiária da Companhia Vale do Rio Doce.

O primeiro grande problema que o novo presidente da Funai enfrentará é a questão da reserva indígena dos Yanomani, com área prevista de seis milhões de hectares em Roraima e na Venezuela, porém, ainda não demarcada em função de interesses na extração de cassiterita na região, o que acabou provocando a saída do antigo presidente Adhemar Ribeiro da Silva. Seguramente, desde 1970, conforme denúncias feitas à Funai, vem sendo extraído o minério nas terras dos Yanomani.

O governador do território de Roraima já se manifestou contrário à demarcação da reserva nos moldes em que está planejada e uma alternativa em estudo, agora, estabelece uma «reserva descontínua», inédita no país, para conciliar os dois interesses: dos índios e das empresas extratoras de cassiterita. Uma das empresas que vinham fazendo levantamento do potencial da área é justamente a Docegeo.

Por sua vez, os índios (e não apenas os Yanomani) também terão um primeiro grande problema com o coronel: a questão da integração, posta de maneira nebulosa pelo presidente da Funai na entrevista que concedeu imediatamente após a posse. Nobre da Veiga garantiu que os índios serão integrados à sociedade da maneira que eles acharem melhor. Segun-

do ele, a Funai estudará todas as opções e as apresentará, no bom estilo cartesiano, à seleção dos próprios indígenas, que escolherão a que lhes parecer melhor. Em outras palavras, o índio que não aceitar nenhuma das opções propostas pela Funai ficará à margem do processo de integração. Outra medida anunciada pelo coronel é o fim das incômodas visitas de índios à Brasília para apresentar queixas, que tanto destaque vêm ganhando nos jornais desde o episódio do cacique Mário Juruna e seu indiscreto gravador. Para evitar isso, Nobre da Veiga fortalecerá as delegacias regionais da Funai.

Mas não é só nestes planos que residirá a preocupação dos índios e dos indígenas. O novo presidente da Fundação Nacional do Índio, «um técnico de administração», é confessadamente ignorante em relação aos problemas dos índios — o que, de resto, ele próprio evidenciou durante a entrevista de ontem, ao repetir «vamos estudar», «estamos apurando» e coisas que tais, diante da insistência dos repórteres em saber como a Funai coibirá as arbitriedades contra os índios, denunciadas repetidamente.

No discurso de despedida do cargo, o ex-presidente Adhemar Ribeiro da Silva citou uma declaração de Mário Andreazza, de que «terra do índio é do índio; riqueza do índio é do índio», para depois lembrar os exemplos de dignidade e bom senso e as lições de vida que recebeu dos índios durante sua gestão. E, para coroar, recitou um poema de Carlos Drummond de Andrade: «Uma terra sempre furta-da/pelos que vêm de longe e não sabem possuí-la/terra cada vez menor onde o céu se esvazia da caça/ e o rio é memória de peixes espavoridos pela dinamite/terra molhada de sangue e de cinzas/estercada de lágrimas e luzes/em que o seringueiro, o castanheiro/o garimpeiro, o bugreiro colonial e moderno/celebram festins de extermínio.